

Considerações sobre tolerância em Herbert Marcuse e Slavoj Zizek

Mikaelly da Costa Jucá¹

Resumo: No presente artigo, considerando a importância e a atualidade do pensamento de Herbert Marcuse (1898-1979) em torno da questão da tolerância que aqui será central, utilizada como um importante instrumento de dominação dos indivíduos, assim o filósofo definira como tolerância repressiva. Pretende-se expor os limites da tolerância, a qual tem como único objetivo de criar um conformismo por parte dos indivíduos, contendo falsos e contraditórios discursos em defesa da antiviência na sociedade abundante. Com isso iremos fazer uma aproximação a crítica atual de Slavoj Zizek que não é diferente da crítica Marcuseana.

Palavras Chaves: Tolerância Repressiva. Violência. Marcuse. Zizek.

Abstract: In the present article, considering the importance and the present time of Herbert Marcuse (1898-1979) around the question of the tolerance that here will be central, used as an important instrument of domination of individuals, so the philosopher defined as repressive tolerance. It's intended to expose the limits of tolerance, which has as only objective of creating a conformism on the part of the individuals, containing false and contradictory discourses in defense antiviência in abundant society. With this we will make an approximation to the current criticism of Slavoj Zizek that is not different from the critic

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Pesquisa "GP-Marcuse: atualidade do pensamento político de Herbert Marcuse". E-mail: kaelly_92@hotmail.com

Marcuseana.

Keywords: Tolerance Repressive. Violence. Marcuse. Žižek.

1. A tolerância como instrumento de uma democracia totalitária

“ Mais do que nunca, sustento a proposição de que o progresso em liberdade exige progresso na *consciência* da liberdade.”

(Herbert Marcuse)

A democracia reconhecida como a forma mais adequada de uma organização política principalmente para os países capitalistas, a qual sempre recebeu a atenção da reflexão inovadora da teoria crítica da sociedade de Herbert Marcuse, tais reflexões foram e continuam sendo bastante atuais na sociedade contemporânea. Mas para o filósofo apenas a criticidade não basta, pois corre o risco de ser esquecida, a crítica tem de estar conjunta com a práxis objetiva.

O objetivo geral desse artigo é de entendermos principalmente o pensamento de Marcuse um dos principais pensadores alemão da teoria crítica do século 20, especificamente sobre a tolerância na sociedade unidimensional e o uso do discurso sobre a violência, conceitos esses trabalhados pelo Filósofo. Dessa forma faremos uma assimilação com Slavoj Žižek um dos pensadores atuais do século 21, que por mais que ambas as críticas pudessem vim de épocas diferentes, ainda se fazem bastantes atuais e por isso destaco a importância de ambos filósofos.

Pretenderemos resolvermos os seguintes questionamentos: como a tolerância torna-se instrumento de controle na sociedade contemporânea avançada onde apenas a favorece? E como o discurso de violência acaba por fazer parte de uma ideologia liberal da tolerância proclamada pelo status quo? Assim, iremos propor a partir das seguintes bases: 1) compreender a democracia que seria até então a favor do povo, torna-se totalitária na sociedade afluenta e 2) apresentar o significado de tolerância libertadora como saída diante de uma democracia totalitária. Para responder essas questões iremos usar como base os seguintes textos: *Tolerância repressiva* de Herbert Marcuse e a obra *Violência* de Slavoj Žižek.

A justificativa que nos leva a desenvolver esta pesquisa está na inquietação com o rumo que uma democracia totalitária tem no desenvolver de uma sociedade

unidimensional, que tem como principal objetivo deixar os indivíduos inertes ao que acontece por trás das cortinas, impedindo qualquer forma de oposição utilizando seus discursos contraditórios em defesa da tolerância e da violência.

Dentro do sistema capitalista existe uma sociedade unidimensional² conceito trabalhado por Marcuse para definir uma sociedade sob total administração a qual só serve para fortalecer o controle sobre os indivíduos por meio de liberdades democráticas. O sistema estabelecido decide quanta liberdade o povo pode e deve ter e nessa aparente sociedade democrática a tolerância estaria inserida como instrumento para conter os indivíduos. Slavoj Žižek assim como Marcuse percebe que no meio dessa liberdade democrática, o discurso do tolerar é propagado mais como um discurso ideológico, que vale apenas para o *status quo*, perdendo assim seu verdadeiro conteúdo diante da realidade.

Nunca houve tanta liberdade de expressão, tantas opiniões diferentes propagadas pelas mídias sociais, publicidade, propaganda, etc. E isso em uma sociedade capitalista parece ser positivo, no entanto mais adiante mostraremos que não é tão positivo como parece.

A ordem democrática defende e propõe uma harmonia conciliadora mesmo diante de diferentes opiniões dos indivíduos, possibilitam uma convivência compensadora, fazendo com que muitas vezes prevaleça ideias conservadoras, tudo em favor de uma ordem. Segundo Marcuse a tolerância dentro de uma democracia totalitária torna-se instrumentalizada, prevalece assim um pensamento unidimensional, mesmo todos podendo se expressar são manipulados por opiniões engessadas, ocorrendo uma absorção do negativo pelo positivo, uma tolerância do pensamento positivo. Porém o Filósofo defende um pensamento autônomo que o indivíduo seja capaz de escolher quais são as verdadeiras e falsas informações:

Na democracia próspera, prevalece a discussão próspera e, dentro da estrutura tradicional, é em grande parte tolerante. Podem ser ouvidos todos os pontos de vista: o comunista, o fascista, a esquerda e a direita, o negro e o branco, os paladinos do desarmamento e os defensores da preparação militar. Além disso, nos debates que se arrastam nos meios de comunicação, a opinião estúpida é tratada com o mesmo respeito que a inteligente, o mal informado pode falar tanto quanto o bem informado, e a propaganda anda no mesmo barco com a educação, e a verdade com a falsidade. Justifica essa pura tolerância do sensato e do insensato o argumento democrático de que ninguém, nem grupo nem indivíduo, tem o privilégio da verdade e é capaz de definir o que é certo ou errado, o bom ou o mau. Todas as opiniões conflitantes, por

² Para Marcuse nas sociedades industriais avançadas prevalece uma sociedade unidimensional, onde prevalece ideias e comportamentos unidimensionais, onde o pensamento crítico é anulado. Uma sociedade a qual Marcuse denomina: sociedade sem oposição, tudo está padronizado e controlado pelo estabelecido, como consequência seria o conformismo social.

consequente, devem ser submetidas ao “ povo” para deliberação e escolha. Já sugerimos, porém, que o argumento democrático implica uma condição necessária, isto é, que o povo seja capaz de deliberar e escolher na base do conhecimento, que deve ter acesso às informações autênticas e que, nessa base, a avaliação deve resultar de um pensamento autônomo.³

As palavras como tolerância, liberdade e democracia perdem seu real sentido e valor, tornam-se meros instrumentos de uma racionalidade irracional, fazendo com que prevaleça um universo fechado mantendo comportamentos, linguagens e pensamentos unidimensionais, os indivíduos manipulados pelas satisfações e falsas necessidades promovidas pelo *status quo* perdem sua autonomia individual, sentem-se parte do sistema e pertencentes de uma liberdade, sendo assim satisfatórios pois aniquila qualquer tipo de oposição ao que está estabelecido.

Com a instrumentalização da tolerância em uma democracia liberal passa a valer o mesmo que significava no passado, a qual fortalecia a tirania que atualmente favorece a volta de valores tradicionais, fortalecendo o controle dos indivíduos deixando-os inertes por meio de uma democracia totalitária, que propaga uma liberdade de opinião, cito Marcuse: “ nesse caso, a liberdade (de opinião, de assembleia, de expressão) é mais um instrumento para absorver a servidão”. Se antes a tolerância deveria ser uma força de oposição, hoje ela torna-se forma de aceitação do que está posto assim o domínio torna-se mais intenso sob os indivíduos, o qual se vê conformado, prevalecendo uma consciência feliz⁴, ou seja, o tolerar passa a ser omissão e até mesmo satisfação diante do estabelecido, Marcuse afirma em seu ensaio sobre a tolerância: “A tolerância é estendida às políticas, às condições e aos modos de comportamento que não deveriam ser tolerados porque eles estão impedindo, se não destruindo, as chances de se criar uma existência sem medo e miséria.” A tolerância muda seu real sentido e perde sua autonomia diante do *status quo*, onde o indivíduo é manipulado e doutrinado por um sistema que lança opiniões já aceitas e repetidas pelos dominados.

Marcuse irá distinguir dois tipos de tolerância existente numa sociedade industrial avançada: a tolerância passiva, onde o indivíduo estará inerte a qualquer caos que esteja ocorrendo, mesmo que seja prejudicial a própria sociedade, pois suas ideias já estarão estabelecidas através das mídias e comunicações, presentes em contradições, como “pela paz faremos guerra” e a tolerância ativa ou o que Marcuse chamará essa tolerância -não partidária de “partidária” ou “pura” que é a tolerância

³ MARCUSE, Herbert. Ensaio sobre *Tolerância Repressiva*. Tradução: Ruy Jungmann, In: R. P. Wolff, B. Moore, e Herbert Marcuse, *Crítica da tolerância pura*. Rio de Janeiro: Zahar, publicada em 1969, p. 99

⁴ No livro *O homem Unidimensional*, Marcuse alertará que devido as liberdades satisfatórias, há uma perda da consciência e autonomia do indivíduo, pois o mesmo estará satisfeito, prevalecendo uma consciência feliz.

deferida tanto a esquerda como a direita, tanto para os movimentos de agressão como os de paz, fazendo com que a esquerda e a direita tornarem-se semelhantes.

Com o aumento de liberdade de expressão o filósofo deixará claro que sempre foi partidária, por meio da variedade de opiniões moldadas, esse progresso de liberação, escondi suas reais finalidades, com isso a razão instrumental acaba por estar favorecendo ainda mais a unificação dos opostos:

A tolerância como liberdade de expressão é o modo do melhoramento, o progresso na estrada da libertação, não porque não haja verdade objetiva, e o melhoramento forçosamente será uma acomodação entre grande variedade de opiniões, mas porque há uma verdade objetiva que pode ser descoberta, verificada, aprendida ao se conhecer e compreender aquilo que é e aquilo que pode ser feito para melhorar o destino da humanidade.⁵

Marcuse então definirá como tolerância repressiva a falsa tolerância presente em uma sociedade também repressiva que acarreta um compromisso com o status quo. No entanto o Filósofo defendera a substituição por uma tolerância libertadora, para isso o indivíduo deve ser livre da falsa consciência que lhe é imposto. O indivíduo para torna-se verdadeiramente autônomo, livres de exigências repressivas, devera reestabelecer uma reflexão e a negação do estabelecido diante de uma administração totalitária. Essa tolerância libertadora significaria então para o autor: “Tolerância libertária, então, significaria intolerância contra os movimentos da Direita e tolerância aos movimentos da Esquerda”. Marcuse deixa claro o erro que ocorre deixando a direita livre para se expressar, aparecendo assim políticos como exemplo Jair Bolsonaro, propagando discursos totalitários que favorece a tirania, “ a suspensão da tolerância para com os movimentos repressivos antes que eles possam torna-se ativo”. Tenho consciência de que nesse momento não é fácil a compreensão do Filósofo e pode até parecer contraditório, o que não é, pois o mesmo deixará claro em todo seu ensaio e aqui quero esclarecer que nem todo argumento ou discurso deve ser aceito ou mesmo ouvido, pois é a partir disso que o fascismo começa a aparecer. Um fascismo e totalitarismo obscuro que não se permitem reconhecidos dentro de uma democracia.

Sob esse parâmetro complemento com Slavoj Zizek que irá destacar o que ele chamará de tolerância liberal existente, onde torna-se quase obrigatório o dever de aceitar as variedades de discursos, uma tolerância passiva, onde não invada a liberdade de opinião do outro, respeitando seu espaço, ou seja, é preferível tolerar do que reivindicar e como já falado antes, isso é bastante positivo para o sistema capitalista, onde o indivíduo não poderá se opor a qualquer dito por mais que seja

⁵ MARCUSE, Herbert. Ensaio sobre *Tolerância Repressiva*. Tradução: Ruy Jungmann, In: R. P. Wolff, B. Moore, e Herbert Marcuse, *Crítica da tolerância pura*. Rio de Janeiro: Zahar, publicada em 1969, p.95

ridículo ou não. Então nos aparece os seguintes questionamentos retóricos sobre os limites da tolerância na área social: Por que deve-se tolerar as exploração de classes ou de grupos sociais? Por que tolerar a pobreza e a fome, resultando em desigualdades sociais? Por que tolerar o racismo obscuro na sociedade? Por que tolerar o racismo, a homofobia? Por que tolerar o intolerável? Será que nesse momento esse não seja o limite da tolerância? Zizek afirma que a tolerância na sociedade liberal está cheia de limitações que os indivíduos não conseguem enxergar.

2. Violência como um discurso ideológico a favor do status quo

A partir do conceito que trabalhamos no primeiro tópico, sobre a tolerância repressiva definida por Marcuse e que Slavoj Zizek chamará de tolerância liberal, essas existentes em uma democracia totalitária, debruçamo-nos, neste momento a partir desses conceitos sobre a questão da violência, essa que aparentemente parece ser intolerável em uma sociedade liberal. Em uma democracia conservadora o discurso contra a violência, é visto como uma defesa a ordem e segurança das pessoas, além do mais torna-se mais vantajoso nesta democracia que o sujeito seja apenas um telespectador dos acontecimentos do que se opor a posicionamentos que prejudicam ele mesmo abafando assim as contradições.

Na base ética para os indivíduos conviverem em sociedade pacífica a violência é vista como algo prejudicial para a sociedade mas Slavoj Zizek alerta para um tipo de violência muito mais perigoso a violência invisível na sociedade: “Opor-se a todas as formas de violência, de violência física, direta, a violência ideológica, parece ser a preocupação maior da atitude liberal tolerante que hoje prevalece”. Se diante de um governo totalitário, onde não prevalece a vontade do povo, em algum momento o povo sairá do inanimado, revoltando-se diante de situações insuportáveis, manifestando por direitos e mudanças sociais e políticas, manifestações essas que atualmente tornaram-se bastante agressivas, diante dessas reações torna-se nítido a insatisfação dos indivíduos.

Esta violência não é necessariamente a física, Slavoj Zizek chamará de violência sistêmica, uma violência em anonimato presente no século 21, uma violência despercebida, mais opressora a qualquer tipo de oposição. Um aparente liberalismo antiviolência que se apresenta cheia de contradições no estado, na polícia pacificadora, no sistema ao todo. Nada mais violento do que o discurso proclamado pela direita sobre a tolerância, nada mais violento do que o discurso atual sobre a igualdade, nada mais violento do que a afirmação presente no discurso do governo brasileiro, onde prevalece uma total tolerância. A violência e a repressão só é defendida por governos democráticos, totalitários, quando lhes convém, para manter a ordem e a tranquilidade, oprimem, batem, destroem o que for contrário a seus

ideais.

Marcuse irá diferenciar dois tipos de violência, uma violência revolucionária praticada pelos oprimidos e uma reacionária praticada pelos opressores. Onde a verdadeira violência está presente na sociedade avançada:

Mesmo nos centros de civilização adiantados, a violência realmente predomina: é praticada pela polícia, nas prisões, nos asilos de alienados, na luta contra as minorias raciais; é levada igualmente pelos defensores da liberdade metropolitana aos países atrasados. Essa violência realmente gera a violência.⁶

Herbert Marcuse será um defensor feroz de uma violência revolucionária das classes oprimidas, uma violência libertadora e dirá: “ Quando as minorias empregam a violência, não dão início a uma nova cadeia de violência, e sim tentam suprimir a existente”. Žižek também atentara sobre o discurso proclamado contra a violência, a favor da lei e da ordem, um discurso ideológico para desarmar uma violência necessária. Os dominantes temem esse tipo de reação pois abalam o estabelecido e incomodam. As minorias como uma parte da população tornada invisível, propondo afirmar sua existência através da violência revolucionária como um grito para a sociedade para avisar que eles ainda estão vivos e agindo. Marcuse irá defender a luta das minorias que ele considera como potências radicais e revolucionárias, movimentos que fariam parte do que ele chama de catalisadores que seriam os negros, os homossexuais, o movimento feminista, etc. Marcuse trabalha esse conceito para mostrar que esses grupos podem ser revolucionários, contrários ao estabelecido, neles estão presente a força que se precisa, definindo melhor: “ O conceito “catalisador” significa as tendências de desintegração existentes na sociedade unidimensional, que podem romper a consciência administrada da classe trabalhadora e reativar seu pensamento e práxis revolucionária.”⁷.

3. A uso da tolerância e da violência a favor de uma democracia totalitária no Brasil

No Brasil provavelmente nunca se falou tanto sobre a questão da tolerância, seja ela social, seja ela política, racial, enfim, na verdade uma falsa tolerância existente que obscurece questões, sem superá-las, uma tolerância que não transcende os limites da tolerância formal. Uma tolerância imposta por um governo apoiado pela mídia que querem a todo custo contrapor a negação de uma crise social e política. O povo que tolera seus governantes mesmo em meio ao caos, toleram mediante seus

⁶ MARCUSE, Herbert. Ensaio sobre *Tolerância Repressiva*. Tradução: Ruy Jungmann, In: R. P. Wolff, B. Moore, e Herbert Marcuse, *Crítica da tolerância pura*. Rio de Janeiro: Zahar, publicada em 1969, p.107

⁷ IVO, Rene. O sentido do conceito catalisador na teoria crítica de Herbert Marcuse.

discursos vazios que não se materializam na prática. Uma política de massa que só quer reproduzir e voltar ao passado visando apenas a manutenção do poder, mesmo o povo indo as ruas, gritando com palavras de ordens, fingem que não veem ou ouvem, que não é nada menos que minorias a se opor.

Os falsos discursos democráticos no ano de 2016 dos que até então deveriam representar o povo, votaram a favor do impeachment de Dilma Rousseff, sendo que os mesmos sendo investigados por crimes de corrupção ou no ano de 2017 esses mesmos representantes do povo juntamente com a mídia conservadora defendem reformas que prejudicam em grande parte o trabalhador, com justificativas de que é necessário para o ajuste estrutural da economia brasileira, utilizando slogans chantagistas e emocionais como “reformular hoje para garantir o amanhã”, aqui observa-se inúmeras contradições de uma democracia totalitária, um governo até então é provisório. Tais exemplos deixam explícito a verdadeira violência existente em um País, como já esclarecido não é apenas física é pior ainda onde o povo tem que aceitar a todo custo o que está a sua frente.

Manifestações com o uso extremo da arbitrariedade por parte do governo, só demonstram o quanto incomodam vê pessoas se oporem, tomemos como exemplo, manifestações de 2017 contra Temer em Brasília, onde o governo autoriza a convocação das Forças Armadas diante um milhares de manifestantes protestando contra as reformas trabalhistas e da previdência além da defesa de eleições diretas antecipadas para presidência da República. A violência das manifestações que tanto é denunciada pela mídia, é apenas uma amostra da insatisfação do povo, interrompendo a inércia perante essa violência invisível (onde aparentemente não existe violência), essa sendo a forma mais brutal, onde cada sujeito deve permanecer no seu lugar, mesmo que decisões futuras mudem suas vidas, permanecendo inertes e aceitando tudo o que proposto como se fosse para o bem de todos. Deixemos claro que não se defende aqui qualquer tipo de violência mas a violência revolucionária que se opõe diante da violência invisível que essa sim tem como função levar o indivíduo ao estado de conformismo.

Diante da maior violência brasileira, onde um governo provisório em situação de crise política e econômica, aproveitam-se de uma época onde o desemprego e a pobreza cresce, tirarem direitos de trabalhadores que por muito tempo lutaram por direitos e foram conquistados, essa é a violência tampada pelas mídias com justificativas chantagistas e contraditórias. Uma mídia totalitária propagando o ódio por aqueles que desejam mudanças, desfavorecendo qualquer tipo de manifestação, tentando mostra lados negativos de um movimento. Uma explosão social que o próprio governo e mídia são os culpados, os mesmos desviam as atenções do verdadeiro problema. E cito Žižek:

Há uma anedota bem conhecida em que um oficial alemão visitou Picasso em seu estúdio em Paris durante a Segunda Guerra Mundial. Chocado com o “ caos” vanguardista de *Guernica*, perguntou a Picasso: “ Foi você que fez isto?”. Ao que Picasso replicou, calmamente: “ Não, isto foi feito por vocês!”. Atualmente, muitos liberais, ao serem confrontados com explosões violentas com as desordens de 2005 nos subúrbios de Paris perguntam aos poucos esquerdistas que ainda apostam numa transformação social radical: “ Não foram vocês que fizeram isto? É isto que vocês querem?”. E nós deveríamos responder, como Picasso: “ Não, foram vocês que fizeram isto! Este é o verdadeiro resultado da sua política!⁸

Torna-se essencial essa discursão que é tão atual diante de grandes mudanças e até mesmo retrocessos na sociedade brasileira, onde as maiores vítimas são as classes mais pobres, os trabalhadores, as minorias, etc. Essas são potências libertadoras que para se libertarem das algemas do conformismo devem agir e contestar diante do estabelecido.

Marcuse não fica preso em apenas identificar os problemas de uma sociedade, evita cair no ceticismo absoluto, na pura negatividade, conhecido por alguns por ser pessimista e utópico no entanto suas obras demonstram seu lado revolucionário, onde busca sempre apontar alternativas teóricas e política para o futuro, propondo saídas frente a uma tolerância repressora. Como saída apenas o indivíduo por ele mesmo poderia sair das amarras de uma sociedade fechada, prevalecendo uma consciência livre e autônoma assim poderia romper com a falsa consciência, prevalecendo uma tolerância libertadora como alternativa autêntica que seja capaz de se opor ao que está sendo propagado.

Diante de todos esses pontos apresentados, é nítido que a tolerância defendida por Herbert Marcuse e Slavoj Žižek está longe da ideia de que tudo que é dito deve ser aceito, de que toda opinião deve ser aceita, a tolerância tem seus limites quando o mercado de ideias propaga o intolerável e os indivíduos devem distinguir por meio de uma consciência autônoma, o verdadeiro do falso, da realidade real e a realidade irracional. Assim, termino citando Žižek no final do livro *Violência*: “ Por vezes, não fazer nada é a coisa mais violenta que temos a fazer” (ŽIŽEK, Slavoj, p. 137)

Referências bibliográficas

KELLNER, D. Introdução à 2ª edição. In: MARCUSE, H. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

⁸ ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014, p 23

MARCUSE, Herbert. Ensaio sobre **Tolerância Repressiva**. Tradução: Ruy Jungmann, In: R. P. Wolff, B. Moore, e Herbert Marcuse, *Crítica da tolerância pura*. Rio de Janeiro: Zahar, publicada em 1969

_____. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015a.

_____. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015b.

_____. **Um ensaio sobre a libertação**. Tradução de Maria Ondina Braga. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

TRIGO, Luciano. **A violência segundo Žizek e uma canção da Jovem Guarda**. Globo.com, rio de Janeiro, 27 julho 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/violenciasegundo-zizek-e-uma-cancao-da-jovem-guarda.html>>. Acesso em: 27 out. 2014

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014